A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO NOS JORNAIS DIÁRIO DE PERNAMBUCO E DIARIO DA MANHÃ – PE NO PERÍODO LAMPIÔNICO

Maria Cristina Raposo Conte[1]

RESUMO: Neste artigo, apresentaremos discursos constantes nos jornais *Diario de Pernambuco e Diario da manhã - PE*, durante o período 1925 à 1938, acerca do cangaço, fenômeno social ocorrido no sertão nordestino brasileiro, região carente de políticas sociais, que via no cometimento de crimes um meio viável de transpor a ausência do Estado e melhorar de vida. Para tanto, analisaremos fontes primárias como os noticiários da época e, em paralelo, dialogaremos com textos de alguns historiadores e especialistas no tema como Frederico Pernambucano, Durval Muniz, Eric Hobsbawm e Rui Facó. Em nossa narrativa daremos destaque à figura de Lampião, ora aclamado como "o Rei do Cangaço", ora visto por outros como um dos líderes criminosos mais cruéis do país, tendo em vista que a imagem Lampiônica representa, na maioria das vezes, o próprio cangaço.

PALAVRAS-CHAVE: Cangaço. Lampião. História de Pernambuco.

BREVE ANALISE DO CANGAÇO COMO FENOMENO E LAMPIÃO COMO PERSONIFICAÇÃO – TRAJETÓRIAS QUE SE CONFUNDEM ATÉ NOS JORNAIS

Nascido no século XVIII e com maior notoriedade na primeira metade do século XX, o cangaço, em linhas gerais, é o termo utilizado para descrever os grupos de bandidos sociais que atuavam nos "sertões" do nordeste brasileiro, isto é, região compreendida entre a "zona da mata", "agreste", "sertão" e "meio norte". Destacamos ainda que o termo "sertões", ou até mesmo "sertão", tivera historicamente a função semântica de se referir a locais afastados dos centros; locais do interior dos países. (LIMA, 2015, p.24-24)

Diversos foram os motivos que convergiram para a eclosão desse fenômeno, dentre eles a seca que assolava o sertão e as desigualdades sociais advindas da ausência do Poder público. A seca, com todas suas agruras, gerava escassez de recursos,

[1] Servidora pública e Mestranda da PPGH – UNICAP.

principalmente de comida, e consequentemente fome em uma parcela significativa de pessoas. Esses fatores concorreram também para as disputas de terras e brigas familiares, despertando em muitos anseios de revolta e vingança.

> Quando em fins do século XVII e ao longo de todo o século XVIII a necessidade de expansão colonizadora empurrou o homem para além das léguas agricultáveis do massapê, projetando-o no universo cinzento da caatinga, fez surgir um novo tipo de cultura, cujos traços mais salientes podem ser resumidos na predominância do individual sobre o coletivo – no plano do trabalho – e nos sentimentos de independência, autonomia, livre-arbítrio e improvisação, como características principais do homem condicionado pelo cenário agressivo e vastíssimo que é o sertão (MELLO, 2011, p. 42)

Por outro lado, o sertão nordestino era dominado pelos Coronéis, denominação dada aos fazendeiros ricos que tinham o domínio das terras, da política local e das pessoas. Conforme José Murilo de Carvalho:

> O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política.(CARVALHO, 1997)

Dessa forma, comumente, parte dos sertanejos vivia subjugada pelo potentado e pela seca.

Numa descrição ainda mais detalhada sobre a relação entre o coronelismo e o cangaço no nordeste brasileiro, o romancista José Lins do Rego reforçou que:

> [...] a história do cangaço, no Nordeste brasileiro, está intimamente ligada á história social do patriarcalismo, á vida de uma região dominada pelo mandonismo do senhor das terras e de homens, como se fossem barões dos feudos. O chefe que mandava, de baraço e cutelo de família, nos aderentes, nos eleitores, precisava muitas vezes de força, acima da lei, para impor-se e dominar sem limites. Nem o Estado seria capaz de enfrentar o chefe que, no sertão, era mais que o Estado. Para manter-se de pé, prefirmar-se suseranamente, o chefe recorria a seus homens dispostos, as cabras de olho virado, aos que

> matavam sem dor na consciência. A função do cangaceiro passava a ser uma espécie de gendarmeria às avessas. O crime é que tinha poder corretivo. Assim surgiram cangaceiros que, revoltando-se contra o chefe, fizeram trabalhar por sua conta, a serem êles próprios os que ditassem lei no sertão. Armados pelo "coronel" passaram a dar cartas, a casar, a descasar, a dividir terras, a exercer pelo trabuco o governo das caatingas. (REGO, 1957, p. 31).

É nesse contexto de dominação, agressividade e ausências que surgem grupos formado por homens, e posteriormente mulheres, ditos "fora da lei", chamados de cangaceiros. Possuindo características estéticas peculiares, cada um a seu tempo, como o uso de chapéus de abas largas, roupas de couro enfeitadas, punhais ornamentados, bornais coloridos e armas de fogo na cintura, os cangaceiros agiam, preferencialmente, em cidades localizadas nas fronteiras dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, cometendo ações violentas contra grupos ou indivíduos isolados.

Complementando a breve contextualização acerca do surgimento e desenvolvimento do cangago, é indispensável acrescentar o exame do fenômeno sob a ótica do historiador Eric Hobsbawm que, sob a alegação de que o termo "bandido" seria algo muito vago, tratou de atribuir ao cangaço status de banditismo social.

> Nas montanhas e nas florestas, bandos de homens violentos e armados, fora do alcance da lei e da autoridade (tradicionalmente, mulheres são raras), impõe suas vontades a suas vítimas, mediante extorsão, roubo e outros procedimentos. Assim, o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder, a lei e o controle dos recursos. Esse é o significado histórico do banditismo nas sociedades com divisões de classe e Estados. O "banditismo social" é um aspecto desse desafio (HOBSBAWM, 2010, p. 21).

Para Hobsbawm, o bandido social não cometia crime em proveito próprio, afastando-se dessa forma dos bandidos comuns. Esse tipo de delinquente seria marginalizado pelo poder dominante e que, perante atos de bravura contra a opressão, era admirado pelo seu povo. Ao mesmo tempo que fazia emanar sentimento de admiração, o bandido social também era temido em razão da forma violenta com que

salteavam e matavam pessoas inocentes. Por não serem "nem cruéis nem sanguinários, eles costumavam, na maioria dos casos, distribuir seu butim entre os pobres e famintos, demonstrando com isso que não estavam isentos de sentimento de caridade e que seus corações não tinham endurecido", o bandido social era tido como um bandido-herói. (HOBSBAWM, 2010, p.71)

Complementando a percepção de Hobsbawm, a historiadora Elise Grunspan-Jasmin imprimiu um tom mais severo ao concluir que:

> O cangaço pode ser percebido como uma forma de mercenarismo a serviço dos coronéis locais; como expressão de uma barbárie atávica numa região atrasada; como um banditismo que impõe suas próprias leis, face à carência dos poderes públicos e à ausência de uma justiça imparcial na região, um banditismo de vingança e honra, uma revolta dos pobres contra o sistema latifundiário. (GRUNSPAN-JASMIN, 2001, p. 66)

Não mais brandamente, Jasmim apartou Lampião dos demais cangaceiros conferindo lugar de destaque ao descrevê-lo como um corpo que expressava o mal, o diabólico:

> [...] ao corpo de Lampião, expressando sua monstruosidade, corpo figurado, corpo simbólico, corpo coberto de proteções mágicas que o "fecham", tomam invulnerável, corpo que se transforma na medida dos sofrimentos morais que atura, corpo que se metamorfosea quando tortura suas vítimas [...] responde o corpo ferido da sociedade que só poderá reencontrar sua unidade com a apropriação, a profanação do cadáver do cangaceiro e sua fragmentação. O corpo de Lampião: expressão do mal, da crueldade, do diabólico Nenhum dos contemporâneos o descreveu em termos de beleza; mas muitos deles pensam ter encontrado no seu corpo os estigmas do mal e da crueldade, as marcas de uma diferença profunda, que fazia dele um ser alheio às normas humanas. (GRUNSPAN-JASMIN, 2001, p. 67)

Como visto, compreender a origem do cangaço é algo difícil e que envolve múltiplos fatores. O espectro bandido-herói atribuído aos cangaceiros parece imperar, mas com ressalvas, visto que, por vezes, as brutalidades cometidas pelos bandidos errantes são relativizadas.

Porém, como se deu com a maioria dos cangaceiros, a causa imediata do ingresso de Lampião na vida bandoleira se deu por questões de honra, vingança, fato muito comum no sertão nordestino atormentado por carências. No entanto, para o historiador Marcos Edilson Araújo Clemente (2020, p. 108-132), Lampião foi além, profissionalizou o cangaço invocando o escudo ético das injustiças sociais e honra familiar, estreitou relações com coronéis, políticos e agentes da polícia, estabelecendo alianças, permitindo assim obter armamento, financiamento e proteção para ele e seu bando. Assim, é possível presumir que Lampião tinha consciência que a sobrevida no cangaço dependia de uma eficiente rede de proteção e informação.

Sobre essa interdependência, Hobsbawm asseverou que:

> [...] o bando de salteadores está fora da ordem social que aprisiona os pobres; é uma irmandade de homens livres, e não uma comunidade de pessoas submissas. Contudo, não pode apartar-se inteiramente da sociedade. Suas necessidades e atividades, sua própria existência, fazem com que ele estabeleça relações com o sistema econômico, social e político convencional. (HOBSBAWM, 2005, p. 81)

Ante o exposto, faz-se importante apresentar alguns trechos da biografia de Lampião, já que, além de ser o cangaceiro mais conhecido, ante seus feitos extraordinários, foi se tornando a própria personificação do cangaço.

Nascido provavelmente em 1898, na pequena propriedade de seus pais localizada em Vila Bela (atual município de Serra Talhada), sertão pernambucano, Virgulino Ferreira da Silva era o terceiro filho de uma família de oito irmãos e levava uma vida ordinária, trabalhando na roça.

Em 1915 teve início uma grande rivalidade entre a família Ferreira e a de seu vizinho, José Saturnino, que viria a causar mais tarde a morte do seu pai por policiais. Assim, a fim de "vingar" a morte de seu pai, Virgulino ingressou no "cangaço", em 1921, juntamente com seus irmãos Livino e Antônio.

De início, fez parte do bando comandado por Sebastião Pereira da Silva, "Sinhô Pereira", cangaceiro que antecedeu Virgulino e com quem tinha parentesco. Ante a saída do seu antecedente do cangaço, Lampião herdou o grupo de cangaceiros.

Alfabetizado, conforme consta, e muito hábil no manejo das armas, recebeu a alcunha de Lampião, passando a liderar outros grupos de cangaceiros, além do seu. Mesmo tendo assassinado o informante que denunciou seu pai para os policiais, como parte da vingança, Lampião não cessou seus crimes, atacando fazendas e cidades em sete estados, além de praticar roubo de gado, saques, sequestros, assassinatos, torturas, estupros e mutilações.

A despeito de não fazer parte das leis dos cangaceiros, Lampião ousou ao levar Maria Gomes de Oliveira, ou Maria de Déa, para viver com ele no bando, surgindo assim "Maria Bonita", a primeira mulher a integrar o cangaço, em 1930.

Lampião e Maria Bonita tiveram uma filha de nome Expedita Ferreira Nunes, nascida em 13 de setembro de 1932. Expedita foi entregue a um aliado de Virgulino para ser criada longe da vida marginal que seus pais levavam.

O casal foi morto pelas volantes, força policial criada para conter os cangaceiros, em 1938, numa emboscada, na Gruta de Angicos - Sergipe, juntamente com outros nove cangaceiros. Os restos mortais dos cangaceiros foram expostos a fim de demonstrar a força estatal e, assim, findou a chamada "Era do cangaço".

Lampião se tornou uma figura mitológica e teve seu nome citado em diversos jornais à época, inclusive no jornal norte-americano *The New York Times* que, em nota de 1931, chegou a mencionar Lampião como um "moderno Robin Hood".

Nesse mesmo período, Benjamim Abrahão Botto, fotógrafo sírio-libanês, conseguiu realizar o maior volume de registros do grupo de cangaceiros liderado pelo "Rei do Cangaço". O fotógrafo era secretário particular do Padre Cícero Romão, de quem Virgulino era devoto, e acompanhou o cangaceiro, juntamente com seu bando, por alguns meses retratando seu quotidiano em imagens e vídeos.

Lampião soube bem fazer uso de sua imagem perante seus companheiros e, sobretudo, perante a sociedade, transmitindo uma aparência de poder, generosidade,

moralidade e sofisticação. Assim, Lampião conseguia mais respeito dos poderosos e, dos menos favorecidos, admiração, facilitando sua sobrevivência.

Os jornais também souberam explorar a imagem lampiônica. Não eram poucas as vezes que os feitos de Lampião e de seu grupo eram colocados nas capas dos jornais pernambucanos, cada um com interesse próprio por traz de cada notícia.

O Diario de Pernambuco (DP), jornal mais antigo da América Latina, foi fundado em 1825 pelo jornalista Antonino José de Miranda Falcão, e era um jornal tradicionalmente ligado às oligarquias tendo sido órgão oficial dos governos das províncias até 1911.

Em 1913, após ter trocado de proprietário algumas vezes, mas sempre mantendo a linha situacionista, o DP foi adquirido pelo coronel Carlos Benigno Pereira de Lira, industrial e fazendeiro em Alagoas e Pernambuco e tendo como redator-chefe seu filho Carlos de Lira Filho. Em 1931 o jornal foi vendido para os *Diários Associados (DA)* [2], de Assis Chateaubriand, passando a ter um perfil mais comercial e com críticas à atuação do interventor Carlos de Lima Cavalcanti[3], que era um dos proprietários do jornal de oposição Diario da manhã.

Já o jornal pernambucano Diario da manhã (DM) foi fundado em 16 de abril de 1927 e teve como seu primeiro diretor-geral Carlos de Lima Cavalcanti que, mesmo fazendo parte da oligarquia regional, rompera com Partido Republicano de Pernambuco (PRP) para fazer oposição ao então Presidente Estadual Estácio Coimbra, utilizando o jornal como arma política. Carlos de L. Cavalcanti se tornou um importante líder político do estado de Pernambuco e tinha forte ligação com Getúlio Vargas. Iniciada a Revolução de 1930, Carlos de Lima se tornou Interventor de Pernambuco, ficando neste

[2] O Grupo Diários Associados é o mais antigo conglomerado de mídia brasileiro, fundado na década de 1920 pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand (1892-1968). Sua história teve início em 1924, quando Chateaubriand comprou o diário *O Jornal*, fundado em 1919 no Rio de Janeiro, e no ano seguinte o *Diario da Noite*, de São Paulo. A revista *O Cruzeiro*, um dos ícones do jornalismo impresso do Brasil [...] na década de 1930 o Grupo se fortaleceu com o lançamento e a aquisição de outros jornais (entre os quais o *Diario de Pernambuco*, fundado em 1825 e o mais antigo veículo da América Latina) [...]. Disponível em: http://www.meiosnobrasil.com.br/?page_id=564. Acesso em: 26 nov. 2020.

[3] Foi interventor federal (PE) entre os anos de 1930 e 1935. Em 1935, foi eleito governador constitucional de Pernambuco, cargo que ocupou até 1937. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/aeravargas1/biografias/carlos_de_lima_cavalcanti. Acesso em: 26 nov. 2020

posto até 1935, quando se tornou Governador do Estado, só deixando em 1927, quando sua relação com Getúlio Vargas já estava desgastada.

Nesse contexto acirrado se desenvolve a nossa pesquisa, sendo possível perceber essas minúcias políticas ao estudar as entrelinhas das notícias publicadas acerca do cangaço nos referidos jornais, tornado ainda mais interessando a sua contraposição.

Analisar a imagem de Lampião e do cangaço a partir das notícias dos jornais DP e DM faz com que se possa perceber os diferentes discursos neles contidos pois, um periódico, além do seu perfil, envolve jogos de interesses. Assim, temos que pensar de que forma esse documento está sendo estruturado, quem está nos bastidores e a razão de determinado discurso.

Em matéria veiculada sob o título "O problema dos sertões", mesmo que logo de início não se fale sobre os cangaceiros, no decorrer do texto há uma análise primorosa sob o subtítulo de "Sobrevivência de condições barbaras". (Diário de Pernambuco, 15/02/1927, p.8)

> Abstraindo do exame das circunstâncias políticas que serviram de causa determinante à formação dos núcleos de cangaceiros organizados nos últimos anos sob a égide do poder federal, o facto de alto interesse sociológico e de relevância sob o ponto de vista da repercussão que ele pode ter nos destinos da nacionalidade, é a demonstração de sobrevivência de condições bárbaras nos sertões criando ali uma sociedade antagônica irreconciliável mesmo que com as tendências e com os padrões ethicos das populações incorporadas à vida laboriosa e civilizada do paiz. Um golpe de vista sobre esses dois compôs que se defrontam de um lado a civilização organizada no litoral e avançando pelo interior como forças trabalhadoras da atividade agraria, e, de outro, a movediça população nômade e de pastoril comprimida na zona sertaneja, entre as guardas avançadas da sociedade policiada e as florestas e os rios do extremo occidental do "hinterland", faz ressaltar o caráter peculiar desse problema a que termos permanecidos indiferentese de cuja existência nos estão dando desagradáveis e inequívocos sinais as proezas cada vez mais audaciosas dos chefetes do cangaço.
> Esse problema póde ser definido em termos precisos como a dificuldade que o brasil desenvolvido e civilizado dos nossos dias vem encontrar ao colocar-se em face de uma outra coletividade, que as

> anomalias da nossa colonização insularam durante séculos do contato das influencias da cultura. No seu livro, que é a obra ainda mais profunda e mais informativa que possuímos sobre a sociologia sertaneja, Euclydes da Cunha, com admirável sagacidade intuitiva, verificou que todo determinismo da psicológia atrasada do jagunço girava em torno desse isolamento, que fazia com que sobrevivessem na mentalidade dos correligionários do profeta de Canudos os traços intelectuais, as tendências morais e as próprias formas linguísticas dos pioneiros dos desbravamentos das florestas brasileiras.

O DP, embora permeado de representações negativas, notadamente atribui cunho social a grande parte das suas notícias sobre o cangaço, buscando agregar à imagem de Lampião, as tristezas provenientes da seca e do isolamento regional.

É possível encontrarmos ricas e profundas análises sociológicas acerca do fenômeno cangaceirista que por vezes nos levam a crer que efetivamente as dores sertanejas eram inevitáveis.

Mesmo após a sua compra por Assis Chateaubriand, o jornal DP manteve a linha situacionista, mas com grandes alterações estéticas em virtude de ter adquirido um caráter comercial forte, bem característico de seu novo proprietário.

Já o DM, jornal nato para ser de oposição, atribuiu a falta de controle do cangaço à incompetência do governo em impedir seu crescimento, atacando claramente Estácio Coimbra, como podemos ver em várias notícias à época.

Em reportagem intitulada de "O Império de Lampeão", o jornal de Carlos de Lima Cavalcanti atribui ao criminoso o título de imperador dos "Estados Unidos do Cangaço Brasileiro" e, como de costume, teceu críticas ao poder público ao afirmar que "as atrevidas e recentes façanhas de Lampeão e dos cangaceiros do seu sinistro bando põem de novo em pleno foco o cangaço, afrontando impávido e invencível o poder público. " (Diario da manha, 26/02/1928, p.5)

> Uma vergonha para o nosso paiz e um degradante attestado de incapacidade para quem o governa(...)
> Desde a fronteira do Maranhão à do Norte de Minas dilata-se o império de Lampeão, rei dos bandidos, sagrado pelo Padre Cícero, alliado dos governadores do Nordeste e pelo ex-presidente Bernardes,

> comissionado em general legalista, formando à frente de sua horda, hombro a hombro, com as forças chamadas legais (...)
> Lampeão é quem manda, é quem domina, naquella extensa redondeza, sobre meia dúzia de Estados que bem merecem o nome de Estados Unidos do Cangaço Brasileiro.
> (...)
> Os despachas de Pernambuco – o Estado onde foi celebrado o famoso tratado de perseguição aos cangaceiros, até a extinção completa do cangaço – dizem que o próprio Lampeão assalta, em insolentes investidas, a zona que está percorrendo, a esta hora, o chefe de polícia do Estado.
> Cartas de diversos pontos da região sertaneja e do Valle do Cariry contam do abandono de propriedades agrícolas e do êxodo dos respectivos proprietários por absoluta falta de garantias.
> De sorte que, em face de taes notícias, uniformes e de várias procedências, transmitidas por correspondentes de jornais e agências telegraphicas e por particulares, fica-se sabendo e envergonhado de saber que o cangaço firnou seu Império no Nordeste, só faltando exigir que o reconheça o governo da União.
> Pelos modos, não há de tardar...

Por fim, para demonstrar que por trás de cada notícia há um discurso interessado, podemos verificar um discurso completamente diferente no jornal DM nas matérias sobre o cangaço publicadas quando o seu proprietário já era o Interventor do Estado de Pernambuco. Foi mantida a representação negativa sobre os cangaceiros e o cangaço, porém o impresso passou a elogiar os bons rumos do governo no que diz respeito ao combate ao fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa colocou Lampião como o centro da maioria das notícias acerca do cangaço. Mesmo que pesquisando nos acervos da imprensa jornalistica por terminologias diversas como banditismo, bandoleiro, cangaceiros, fascinora e cangaço, ivariavelmente a representação era negativa e o nome Lampião parecia de ordem, estava quase sempre presente. Porém, achamos prudente não atribuir a pecha de bandido ou ladrão, sem analisar o que havia por traz do discurso negativo dos jornais em análise, ante esse rol de adjetivos associados ao “Rei do Cangaço” e aos cangaceiros.

Entendo que a imprensa não é completamente neutra ou imparcial e tenta, por vezes, controlar a opinião pública em favor de uma classe dominante. Mesmo assim, dependendo da forma de abordagem e interpretação, ao historiador será possível retirar do conteúdo jornalístico o pensamento de uma época pelas entrelinhas e pelo diálogo com outras informações.

Para tanto, é importante que o historiador tenha um olhar crítico a respeito do documento, caso contrário, ele poderá extrair como verdade o discurso dito e, sobretudo, os preconceitos contidos nele. Dessa forma, faz-se importante a análise contextual e o cruzamento de fontes, oferecendo uma visão mais ampla do que é representado no documento.

Podemos concluir que o jornal traz uma verdade mascarada e cheia de intensões. Lampião cometia crimes e a representação negativa era uníssona, porém a sua imagem foi utilizada pela imprensa da forma que era mais conveniênte, ou seja, a fim de atender um projeto de poder pertencentes àqueles que o escrevem e para aqueles que os "recebem".

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. (1997). **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma DiscussãoConceitual**. Dados, 40(2)https://doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003

CLEMENTE, marcos Edilson. **Lampião e o Cangaço: Trajetórias de vida, histórias como flagelo (1920-1938)**. Revista Escritas do Tempo – v.2, n.4, mar-jun/2020 – p.108-132.

DIARIO DE PERNAMBUCO, 15/02/1927, p. 8. Disponível em : http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&Pesq=canga%c3%a7o&pagfis=19788. Acesso em: 20 out. 2020.

DIÁRIO DA MANHÃ, 17/02/1927, P.2. Disponível em: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1928. Acesso em: 20 out. 2020.

DIÁRIO DA MANHÃ, 26/02/1928, P.5. Disponível em: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1928 Acesso em: 20 out. 2020.

DIÁRIO DA MANHÃ, 03/12/1930, P.1. Disponível em: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1930 Acesso em: 20 out. 2020.

GRUNSPAN-JASMIN, Elise. **Nordeste: uma região "doente" do cangaço.** Lampião: entrave a um projeto de nação "unida" e "civilizada"? Clio Série História do Nordeste. Recife: v.19, 2001)

GRUNSPAN-JASMIN, Elise. **Lampião, Senhor do Sertão.** Vidas e Mortes de Um Cangaceiro. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. 5ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LIMA, Victor Thiago. **Cangaço, honra e pistolagem no sertão alagoano (segunda metade do século XX aos dias atuais)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFAL Instituto de Ciências Humanas, comunicação e artes – PPGH. Maceió, 2019.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol.: violência e banditismo no nordeste do Brasil**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem foi Lampião**. Recife: Ed. Stahli, 1993.

REGO, José Lins do. **A presença do nordeste na literatura**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. 1957.